

Mane'ima

DIRECTOR: VICTOR SOUSA

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 37 — PREÇO 3\$50 — 23/3/77

O custo da vida

Primeiro Congresso em liberdade das Cooperativas de Consumo

Cento e sessenta cooperativas representadas, setecentos congressistas e a presença de representantes dos movimentos cooperativos da Checoslováquia, Hungria, Índia, Inglaterra, Suécia e União Soviética assinalaram o Primeiro Congresso em Liberdade das Cooperativas de Consumo.

Para a história do movimento cooperativista, que conheceu tantas dificuldades durante o fascismo, a realização deste congresso é só por si uma grande vitória. Mas vitória foi também o modo como decorreu o congresso, a unidade de que se revestiu e, sobretudo, as esperanças que trouxe quanto à organização dum movimento cooperativo sólido.

Com o congresso, com as suas resoluções, com o lançamento das

bases para uma Federação Nacional de Cooperativas de Consumo estão criadas as condições mínimas para que o sector cooperativo tome um lugar importante na economia portuguesa, alargando neste aspecto o sector não capitalista.

A acção positiva de muitas cooperativas de consumo e de uniões de cooperativas tem faltado o impulso coordenador que faça do sector uma frente económica eficaz.

Essa eficácia pode ser agora fortalecida e com ela o combate à inflação, à especulação, à subida de preços explosiva com que deparamos.

Daqui ressalta imediatamente a função imediata das cooperativas de consumo: a defesa do consu-

(Conclui na pág. 6)

CAFÉ — um exemplo

O preço do café tem andado a subir de modo assustador. De um dia para o outro, a bem dizer, «salta» de duzentos e tal escudos para quatrocentos, ou quase. Talvez muita gente ainda não tenha reparado nisto, porque o café de 1.º não é produto essencial consumido pela grande maioria da população. Mas este caso é exemplar enquanto revela de maneira muito clara certos mecanismos do mercado, certo sistema, certa lógica. Quem ganha? Quem perde? Vejamos:

Antes de mais, porque sobe o café?

Por uma razão muito simples. Recentemente, foi publicado o «cabaz das compras» com preços devidamente «actualizados» e garantidos por um ano. A outros produtos fixou-se um regime de preço... mínimo. Em relação a alguns produtos considerados «menos essenciais» e que o nosso país precisa de importar, pois não existem cá, foi decidido limitar os valores anuais dessa importação. Foram abrangidos, entre bastante outros, as bananas e o café.

Portanto, até ao fim do ano há apenas umas quantas dezenas de milhares de contos para comprar café no estrangeiro. Findo esse dinheiro, acaba-se o café.

E é aqui que tudo começa.

Na perspectiva de que o café

virá a faltar, as pessoas põem-se a correr para ele. E ele, automaticamente, sobe de preço. É uma lei do nosso sistema: aumentando a procura de um produto, aumenta o seu preço. Rareando determinado produto no mercado, sobe o preço,

(Conclui na pág. 6)

De semana a semana

Até quando?...

O general Galvão de Melo acaba de ser afastado pelo CDS das bancadas que este partido ocupa na Assembleia da República.

Não deve ter sido um pacto fácil para o CDS este afastamento, dada a larga clientela que o general tem, uma obtida na madrugada do 25 de Abril quando o escolheram para a Junta de Salvação Nacional, outra obtida em largos sectores da reacção capitalista e agrária, através de conhecidas actuações sensacionalistas, tão do seu agrado. Nos últimos tempos, à procura duma aura popular que sentia fugir-lhe, voltou-se para os retornados, com algumas espectaculares entradas em cena no teatro das suas vidas.

Em 25 de Janeiro, da tribuna da Assembleia da República, acusa de «alta traição» algumas das mais importantes figuras militares do 25 de Abril, ligadas à descolonização, e interpela o próprio Presidente da República sobre as medidas adequadas aos alegados crimes.

Em 5 de Março, no Coliseu dos Recreios, perante três mil retornados, num clima de exaltação e de violência, repete a acusação de

(Conclui na pág. 6)

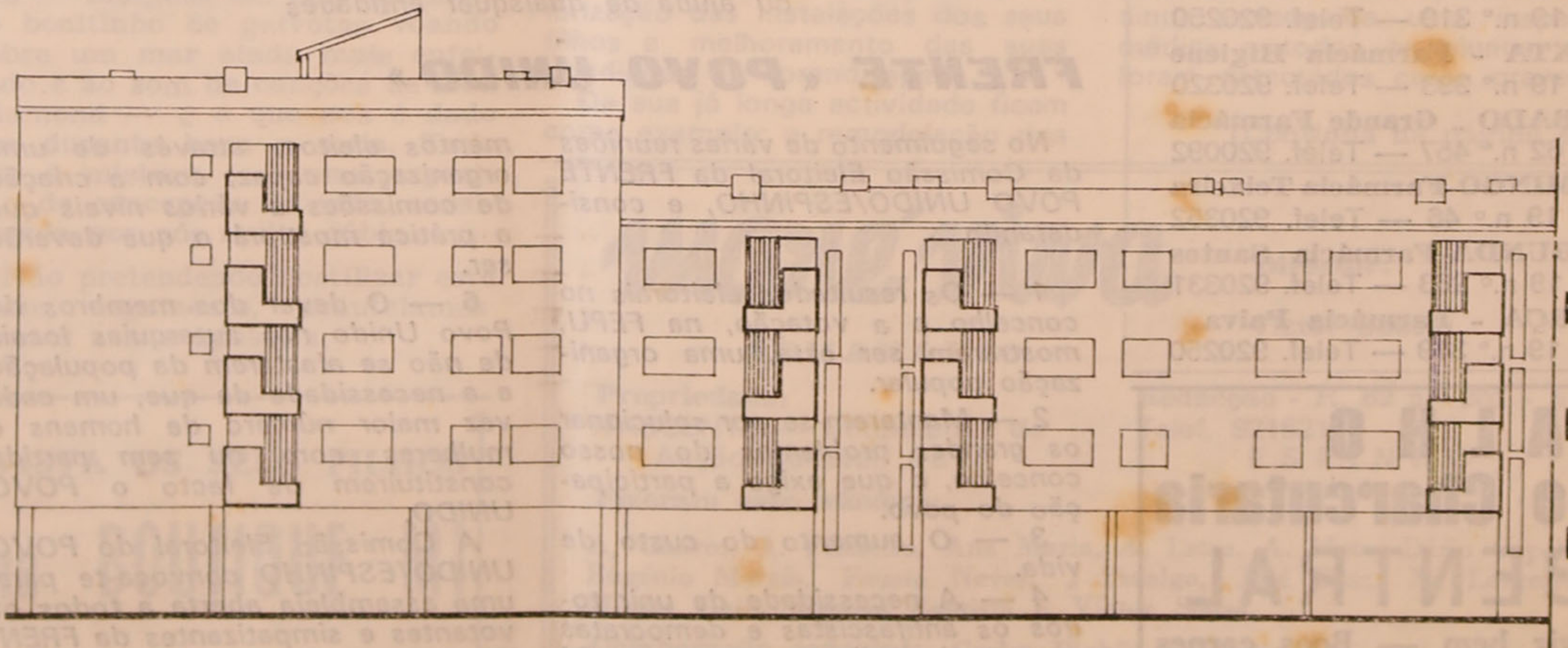
Aniversário da morte de Mário Sacramento

No oitavo aniversário do falecimento de Mário Sacramento, uma comissão de democratas aveirenses promoverá uma romagem ao Cemitério Central de Aveiro, no próximo domingo, 27.

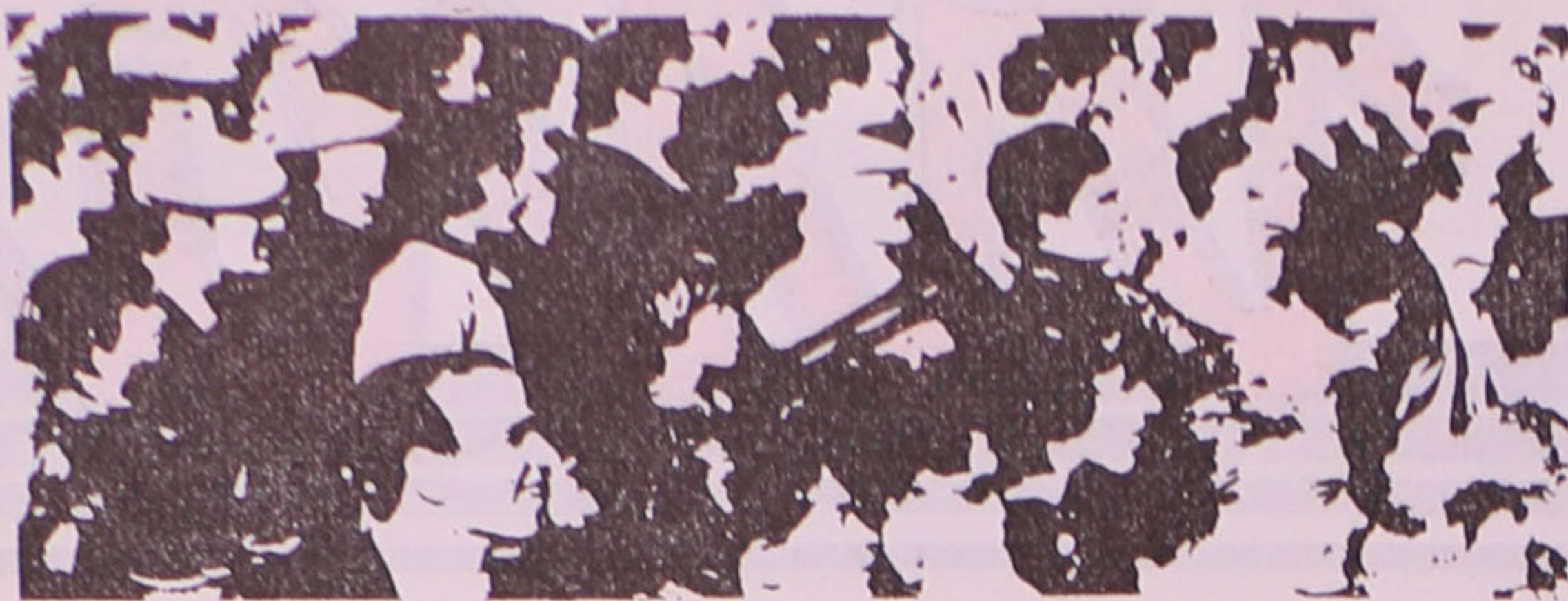
Seguir-se-á uma sessão pública em que um orador recordará aquela grande figura de cidadão, médico e intelectual que esteve sempre ao serviço dos ideais democráticos e do socialismo, apesar das perseguições que a famigerada PIDE constantemente lhe moveu, encarcerando-o várias vezes, e dos boicotes à sua vida profissional a que as instâncias superiores do fascismo o submetiam.

Da comissão promotora da homenagem fazem parte o governador civil, Costa e Melo, e Carlos Candal, Álvaro Seica Neves, João Sarabando, Armando Seabra, Neto Brandão, Eduardo Cerqueira, Mário da Rocha, José Bernardino e António Regala, entre outros.

HABITAÇÕES NA PONTE DE ANTA



Demos a notícia: mais de 300 fogos! Esclareça-se, pelo desenho, que as casas constituirão blocos com vários andares



NOTÍCIAS

A SEMANA DA JUVENTUDE NA REGIÃO

De 20 a 26 de Março decorre a Semana da Juventude a nível nacional. O «Maré Viva» ao saber disso e por saber também, que na nossa região se está a comemorar a «Semana» contactou com os responsáveis da Casa da Cultura da Juventude de Espinho, que começaram por dizer: «É já uma tradição a comemoração em Espinho da Semana da Juventude. Desde as jornadas antifascistas, promovidas pela Secção Cultural da A. A. E., antes do 25 de Abril, à Semana da Juventude em 1975, que mobilizou centenas de jovens para a discussão dos problemas actuais da juventude, foi-se afirmando no espírito das colectividades culturais da região a necessidade de aproveitar esta data para promover realizações, que permitam novas adesões às suas actividades, o novo sangue para o movimento cultural.

Seguidamente, inquirimos sobre o programa das realizações. «Sim, ele já começou no último fim de semana de 19 e 20, associado às comemorações do dia do Teatro de Amadores. Para continuar no próximo fim de semana, em que teremos na sexta-feira, dia 25 às 21,30 horas, a projecção do filme «O GAROTO DE CHARLOT» em Fiães e possivelmente noutra local; no Sábado (26), pelas 15 horas, Festa Infantil em Cortegaça e à noite em Paramos, Festa Convívio no Clube Recreativo; Domingo (27) de manhã, pelas 10 horas,

massificação desportiva na Marinha; à tarde, às 15 horas, Tarde Infantil na Lota; e no mesmo dia e à mesma hora na Piscina de Espinho, Festa Convívio com Canto Livre e a participação do conjunto MYGA 4».

«Nestas realizações, além da Casa da Cultura, participa a Secção Cultural da A.A.E., Coop. Nascente, Comissão de Moradores da Marinha e S. Pedro, Clube Recreativo de Paramos, Comissão de finalistas dos cursos nocturnos de Fiães e a Comissão da Juventude dos Sindicatos Metalúrgicos e Tapeteiros».

Finalmente, os responsáveis da Casa da Cultura deixaram um apelo no sentido de que a Juventude compreenda o esforço que está a ser desenvolvido e adira a estas realizações com o entusiasmo que lhe é peculiar.

Primeiro julgamento com jurados

Segundo informação chegada a esta redacção, realiza-se no Tribunal da Comarca de Espinho, hoje, dia 23, o primeiro julgamento que terá a participação de jurados.

Recorde-se que os referidos jurados foram designados por meio de sorteio entre os cidadãos inscritos nos cadernos eleitorais.

De acordo com o estipulado na lei que regulamenta esta for-

ma de julgamento, não poderá ser divulgada antecipadamente a causa que será posta em juízo, nem a identidade dos jurados convocados.

Ainda de acordo com o previsto naquela recente lei, o julgamento com a participação de jurados poderá ser requerido por qualquer das partes em questão, e desde que o processo contenha matéria que tal o justifique.

QUEIMAR PLÁSTICOS

— moradores queixam-se

O Bairro da Pérola é um pequeno aglomerado de meia dúzia de casas, mesmo em frente ao campo de futebol da Corfi. Escondido na sua modéstia por um muro, só entrando por um pequeno portão se pode saber que vive gente do outro lado.

O que nos levou lá não foi propriamente a vontade de trazermos para as nossas colunas mais um aspecto ignorado do «outro lado da cidade», mas sim responder com a nossa presença a uma solicitação dum morador do bairro. O assunto relacionava-se com a combustão de desperdícios de plástico a que a Fábrica Hércules, ali perto, recorre periodicamente.

A questão foi-nos posta pelo sr. Oliveira, com quem falámos, dum

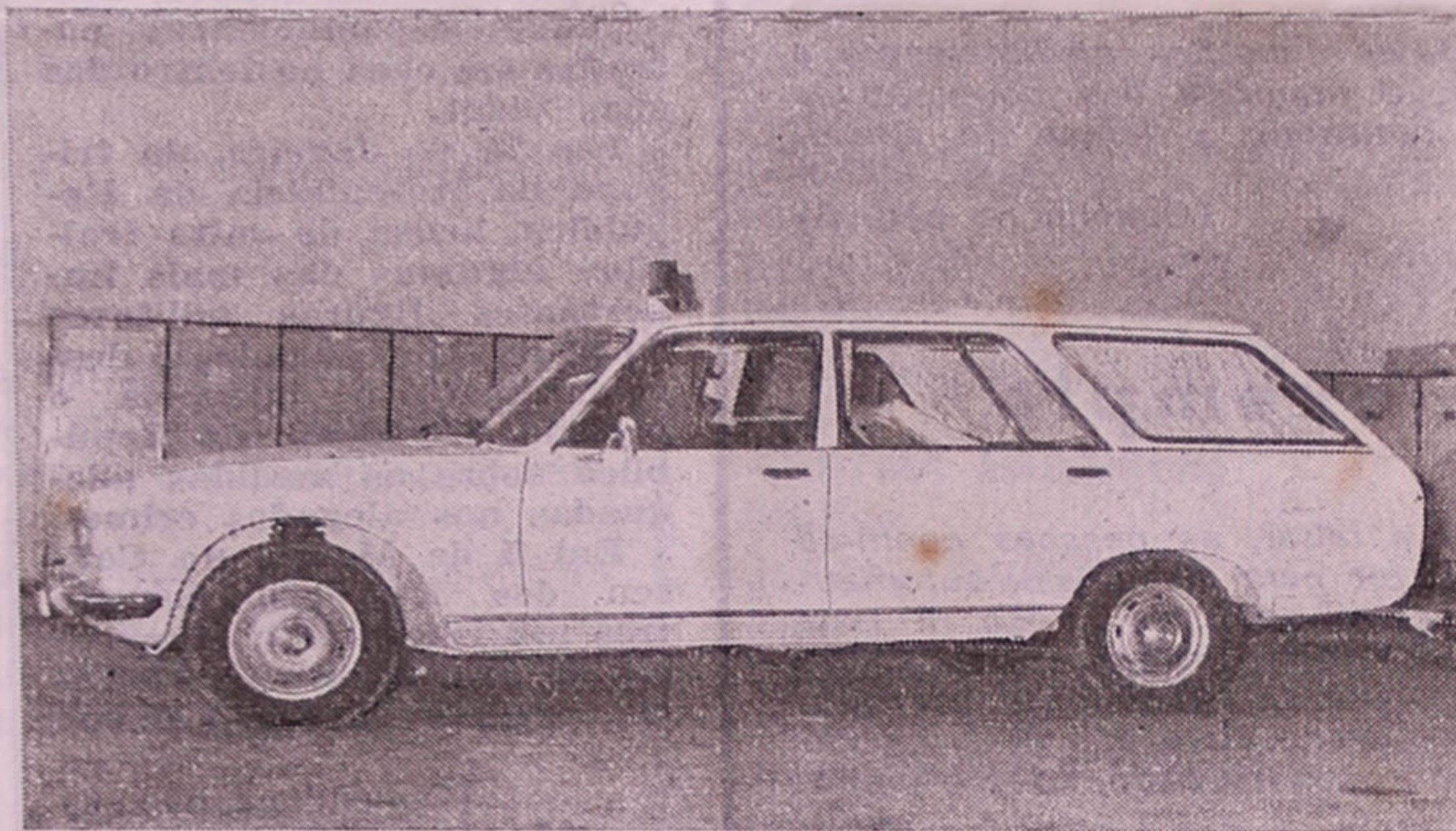
modo muito simples. O fumo que resulta da queima dos plásticos, com um cheiro muito activo e incómodo, atinge toda aquela zona, penetrando pelas chaminés, inundando rapidamente todas as casas e sujando roupa, cortinados, móveis, paredes, etc. A saúde das pessoas é naturalmente afectada dada a toxicidade dos produtos da combustão.

Como é evidente, as pessoas protestaram. Primeiro dirigindo-se à fábrica, sem resultado, pois foi-lhes dito que não havia outra maneira de se libertarem daqueles desperdícios. Depois à C. A. da Câmara com um abaixo assinado de 80 assinaturas, recolhido por entre todos os moradores da zona afectada, incluindo o normalmente designado por «Bairro do Violas».

A resolução do assunto foi entretanto adiada, com a Câmara actual a solicitar um novo abaixo assinado para uma decisão sobre o assunto. Decisão que, parece, não poderá ser outra senão intimar a Fábrica Hércules a suspender as queimas e a resolver o seu problema ou removendo o seu lixo para outro local ou instalando um sistema de combustão que evite a poluição. E a lei quanto a este aspecto não deixa dúvidas.

Entretanto, depois das pressões a que foi sujeita, aquela empresa passou a proceder às queimas de noite. Resultado: o problema mantém-se com a agravante de as pessoas (sobretudo as crianças) serem acordadas pelo cheiro. Claro que se as queimas dos plásticos se fizessem quando o vento está norte, aquela zona já não seria atingida. Mas o que dirão então as populações que moram a sul?

Em que ficamos? A saúde é ou não um bem a defender? Se é, então defendamo-la.



Os Bombeiros Voluntários de Espinho acabam de adquirir esta nova ambulância para garantir uma assistência eficaz aos sinistrados ou doentes a transportar. De salientar será o facto de os B. V. E. terem adquirido esta viatura com dinheiro dos seus próprios fundos sem participação ou ajuda de quaisquer entidades

FRENTE « POVO UNIDO »

No seguimento de várias reuniões da Comissão Eleitoral da FRENTE POVO UNIDO/ESPINHO, e considerando

1 — Os resultados eleitorais no concelho e a votação, na FEPU, mostrarem ser esta, uma organização popular.

2 — Manterem-se por solucionar os grandes problemas do nosso concelho, o que exige a participação do povo.

3 — O aumento do custo de vida.

4 — A necessidade de unir todos os antifascistas e democratas para se impedir o regresso ao 24 de Abril.

5 — O dever de apoiar os ele-

mentos eleitos, através de uma organização capaz, com a criação de comissões a vários níveis que a prática mostrará o que deverão ser.

6 — O dever dos membros do Povo Unido nas autarquias locais de não se afastarem da população e a necessidade de que, um cada vez maior número de homens e mulheres com ou sem partido constituírem de facto o POVO UNIDO.

A Comissão Eleitoral do POVO UNIDO/ESPINHO convoca-te para, uma assembleia aberta a todos os votantes e simpatizantes da FRENTE, a realizar sexta-feira, dia 25/3/77, pelas 21,30 horas, na Piscina.

farmácias

QUARTA - Farmácia Santos
R. 19 n.º 263 — Telef. 920331

QUINTA - Farmácia Paiva
R. 19 n.º 319 — Telef. 920250

SEXTA - Farmácia Higiene
R. 19 n.º 393 — Telef. 920320

SÁBADO - Grande Farmácia
R. 62 n.º 457 — Telef. 920092

DOMINGO - Farmácia Teixeira
R. 19 n.º 46 — Telef. 920352

SEGUNDA - Farmácia Santos
R. 19 n.º 263 — Telef. 920331

TERÇA - Farmácia Paiva
R. 19 n.º 319 — Telef. 920250

TALHO e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes
Rua 15 n.º 268 — ESPINHO

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275

Telef. 920413 ESPINHO

Rubi

RELOJOARIA - OURIVESARIA

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 - Telef. 920592
ESPINHO



S. PEDRO

Dia 24, Quinta-feira — «Vigaristas por Vocação» — Maiores de 13 anos.

Tendo por fundamento os «gags» que surgem no dia-a-dia, esta divertida comédia francesa em que participa, entre outros, Darry Cowl, é digna de atenção dos admiradores do género.

Não envergonha quem a vê e cria boa disposição.

Dia 25, Sexta-feira — «Operação Lady Marlene» — Maiores de 13 anos.

Interpretado e realizado pelo veterano Robert Lamoureux, este filme tem por argumento peripécias cómicas passadas durante a ocupação nazi em França.

Num todo, consideramos uma diversão simpática e despretenhiosa que, a exemplo da anterior, se aconselha.

Dia 26, Sábado — «Mc Klusky, o Indomável» — Maiores de 18 anos.

Pela já longa série de filmes referindo o mesmo tema: «justiça por conta própria», se pode avaliar a «confiança» que os cidadãos depositam no aparelho policial dos países capitalistas.

Corrupção, venalidade, prepotência, violação da própria lei, é o que habitualmente se denuncia, não no sentido de criar a mais viva indignação, mas a de fazer crer que tudo isso se pode aceitar com um simples: «é natural»...

Felizmente, há excepções. Não este filme, antes pelo contrário.

Dia 27, Domingo — «O Ministro e Eu» — Maiores de 13 anos.

Cantinflas, actor que durante bastantes anos divertiu o público com humor relativamente bem concebido, virou-se para a crítica demagógica e choramingona às instituições.

«O mundo é muito mau — mas ainda há pessoas (como ele) muito bondosas e bem intencionadas que o poderão salvar» — é como resumimos a moral que demonstra ultimamente nos seus filmes.

Por discordarmos de tal perspectiva, preferimos guardar a agradável recordação dos seus primeiros filmes e ignorar os últimos.

Dia 29, Terça-feira — «Super Fly» — Maiores de 18 anos.

O «black-movie» (filme de negros) é uma das últimas criações dos produtores americanos para fazerem prosperar o negócio, mas ao que parece não têm tido o êxito que se esperava.

Inicialmente motivados, os espectadores oriundos da importante população negra dos Estados Unidos logo se aperceberam que o que lhes era apresentado nada contribuía para resolução dos seus problemas, constatando ape-

nas que viam o mesmo que nos filmes para brancos, com o por menor dos intérpretes serem da sua cor e por vezes ainda mais violentos.

Sigamos o exemplo, e dispensem a mínima das atenções que filmes deste género possam eventualmente merecer.

CASINO

Dia 23, Quarta-feira — «Mundo Novo» — Maiores de 13 anos.

Apesar do argumento ser de autoria de Cesare Zavattini e ter sido realizado em 1960, trata-se de um dos filmes menores de Vittorio de Sicca, para o qual não destacamos particular interesse.

Curiosamente, a Nascente apresenta neste dia um filme do mesmo argumentista e realizador, incontestavelmente de valor muito superior.

Dia 24, Quinta-feira — «A Agressão» — Maiores de 18 anos.

Contando com a presença de dois dos mais destacados intérpretes da cinematografia francesa (Catherine Deneuve e Jean-Louis Trintignant), nem o trabalho do realizador nem o seu enredo estão à altura dos actores, pelo que consideramos tempo perdido a curiosidade que os seus admiradores venham a dispensar a este filme.

Dias 25 e 26 — Sexta-feira e Sábado — «A Irmã Rebelde» — Maiores de 13 anos.

Melodramas passados em ambientes monásticos, é receita desde há muito utilizada pelos realizadores espanhóis de historietas de «cordel».

O apelo à choraminguice é constante, e a que o público, em grande parte, não resiste, tornando-se mesmo característico a movimentação de lenços ao acender das luzes.

Não pretendemos ridicularizar as lágrimas. Criticamos a exploração de sentimentos que as provocam.

Dias 27 e 28, Domingo e Segunda-feira — «História de Fernando de Capelo Gaivota» — Maiores de 13 anos.

Filme recheado de ingredientes destinados a espectadores de olhos gulosos e ouvidos embalados — imagens em colorido muito bonitinho de gaivotas voando sobre um mar ainda mais enfeitado e ao som de canções de Neil Diamond — é o que nos é dado ver durante hora e meia. Tudo isto à mistura com uma exposição de concepção de vida, considerada por nós muito dúbida.

Não pretendendo hostilizar este filme cegamente, acautelamos apenas a sua apologia.

VISTA OS SEUS FILHOS

na BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

GRANJA

Associação Cultural

Na Granja existe em organização uma associação cultural. Cerca de dezena e meia de jovens, trabalhadores e estudantes, arrostam com as maiores dificuldades para criar um núcleo dinamizador da cultura, que ali tem sido até agora quase palavra vã.

Alguns dos jovens agora associados já têm uma certa experiência, pois fizeram parte dum grupo de teatro, que, logo após o 25 de Abril, conseguiu levar à cena cinco peças.

Este grupo extinguiu-se e a alguns dos seus elementos vieram juntar-se outros, com o objectivo de formar a associação.

Claro que o teatro permanece bem vivo nas intenções do grupo, a ponto de já terem estreado uma peça: o «Ensaio» de Albert Matz. Está também em montagem uma secção infantil, que poderá começar a trabalhar dentro de pouco tempo.

Mas os problemas são muitos.

Um dos obstáculos a vencer é um certo isolamento que o grupo ainda sente em relação à população. Não em relação ao sector com pretensões a aristocrata, mas em relação ao sector popular, para quem ao fim e ao cabo o grupo existe.

Mas para conquistar esse sector popular para as suas actividades culturais é preciso trabalho. E para trabalhar são precisas condições.

ANTA

As escolas são do MEIC, só do MEIC e de mais ninguém

Na escola primária do Souto, em Anta, está constituída desde Maio de 1975, uma Comissão de Pais que tem vindo desde então a desenvolver um belo trabalho de valorização das instalações dos seus filhos e melhoramento das suas condições de aprendizagem.

Da sua já longa actividade ficam como exemplo: a remodelação dos

sanitários (com a colaboração da Câmara), o arranjo das salas de aula, a pavimentação do recreio e a instalação de dois cestos de basquetebol cedidos pela AAE. Foi ainda conseguida uma inspecção médica a todos os alunos, onde foram detectados casos graves de

(Continua na página 4)

Mare Viva

Director:

Victor Sousa

SEMANARIO

Propriedade:
NASCENTE — Cooperativa de
Acção Cultural, s.c.l.

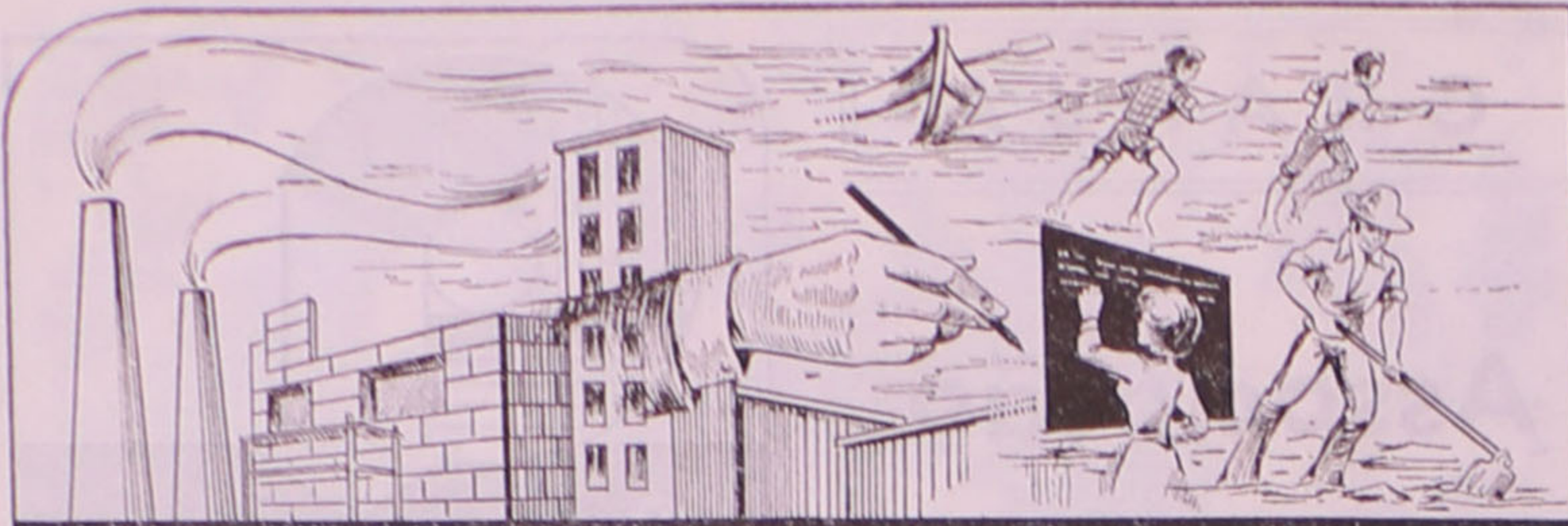
Redacção - R. 62 n.º 251 - 1.º
Telef. 921621
ESPINHO

Fizeram este número:

A. Chaves, A. Pinheiro, Ana Maria, A. Letra, A. Mota, Dário Capela, Eugénio Moraes, Fausto Neves, J. Fidalgo, José Cruz, M. Loureiro, Moraes Gaio, Rogério Baptista e Victor Sousa.

Colaboração especial: Carlos Pinhão e Martins.

Composição e Impressão: Of. Gráficas da Casa Nun'Alvares - Porto



TRABALHO

TRABALHADORES TEXTEIS conseguem alguns avanços

«Num sector que envolve cerca de 300.000 trabalhadores, e em que cerca de 50%, continuam a auferir salários abaixo do salário mínimo nacional, só a unidade poderá levar de vencida o patronato, garantindo a conquista de melhores condições de vida», assim nos falou um trabalhador dos têxteis, a propósito da luta desenvolvida por estes trabalhadores nas últimas semanas. Depois de nos referir que os trabalhadores têm sabido responder às manobras do patronato respondendo às provocações com a sua Unidade, o mesmo trabalhador adiantou-nos que na última reunião de conciliação tinham conseguido alguns avanços, tendo ficado acordado que o contrato produzirá os seus efeitos em matéria de salários e subsídio de férias a partir de 1 de Janeiro de 1977; também relativamente ao prazo de vigência ficou acordado que logo que termine a legislação imperativa que fixa em 18 meses a duração dos contratos, as Associações Sindicais poderão denunciar imediatamente o contrato agora a ser negociado.

Entretanto as negociações relativas ao C.C.T.V. prosseguiram na quinta-feira.

Também na nossa região, concretamente em Cortegaça, os trabalhadores das mais importantes empresas têxteis do ramo de cordoaria têm desenvolvido a sua

luta pela conquista de melhores condições de vida. Entre outras empresas salienta-se a «Sicor», onde labutam cerca de 450 trabalhadores. Adoptando uma forma de luta em certa medida à margem da luta global dos têxteis, os trabalhadores desta empresa estão parados desde 24 de Fevereiro.

«A razão desta luta está no terrível aumento do custo de vida que se verifica e nas manobras do patronato têxtil que tudo tem feito para protelar o novo contrato», assim nos falou um dirigente sindical que contactamos e que mais adiante se referiu à pouca receptividade da administração da «Sicor» às diversas propostas que lhe têm sido feitas na tentativa de encontrar uma saída para o actual impasse.

Nos passados dias 15, 16 e 17 realizaram-se reuniões entre elementos do Sindicato dos Cordoeiros e Tapeteiros e a administração da empresa no sentido de ser encontrada uma solução. Para encarem a hipótese de terminar esta paralisação os trabalhadores pretendem que seja assinada uma acta em que a administração se comprometa a não exercer represálias sobre os trabalhadores em luta, uma vez que estes não esquecem o exemplo do patrão da «Cotesi», que aproveitou uma justa luta dos seus trabalhadores para despedir cerca de sessenta.

BANCÁRIOS revêm Contrato Colectivo

Os trabalhadores bancários habituaram-nos nos últimos anos antes do 25 de Abril, a serem uma classe de vanguarda no Movimento Sindical Unitário, sendo um exemplo para sectores tradicionalmente mais aguerridos, não só pela coerência e tenacidade com que desenvolviam as suas lutas em busca de melhores condições de vida, mas também, pelo apoio e solidariedade que demonstravam para com os trabalhadores de outros sectores. Recordamos as lutas travadas pelos Sindicatos Bancários, em pleno fascismo, nomeadamente nos contratos de 1970 e 1973 e do esforço desenvolvido em prol do Movimento Sindical Unitário, pertencendo ao número dos Sindicatos fundadores da C.G.T.P. — INTERSINDICAL. Também no pós 25 de Abril, os seus militantes desenvolveram ajuda importante a outros sectores profissionais. Esta sua acção granjeou-lhe admiração entre a maioria dos Sindicatos, ao ponto de dirigentes e militantes seus, terem feito não só parte do Secretariado da C.G.T.P.-I.N., mas também de todas as Uniões Distritais de Sindicatos.

Os bancários levam agora a efeito a revisão do seu contrato colectivo; a propósito falamos com alguns bancários de Espinho. Começámos por lhes perguntar a que se deve o desaparecimento do seu Sindicato da vanguarda do Movimento Sindical, tendo-nos sido respondido que a situação agora existente se começou a verificar a partir de Fevereiro de 1975 com a eleição da penúltima Direcção e se veio a acentuar na vigência dos actuais Directores. Com efeito, foi-nos referido, «os actuais corpos gerentes, que a si próprios se intitulam de reformistas, têm desenvolvido uma acção que tem sucessivamente conduzido ao afastamento dos bancários da generalidade dos demais trabalhadores. Talvez devido a ser uma classe mais bem remunerada perguntamos: «Nada disso» — responderam-nos — «os

bancários neste momento estão longe de ser uma classe com salários elevados, bastará referir que as actuais tabelas salariais datam de Outubro de 1974 e com a inflação que se tem verificado estão desvalorizadas em mais de 40 por cento».

«o que sucede» acrescentaram-nos» é motivado pela concepção de sindicalismo perfilhada pelos actuais corpos gerentes que ao mesmo tempo que afasta os bancários do Movimento Sindical Unitário, desmobiliza-os dos seus problemas concretos. E mais adiante referiram-nos, «a actual direcção actua como se fosse possível, isoladamente, resolver os problemas de uma Caixa de Previdência que os bancários não têm, lutar contra a legislação lesiva dos interesses dos trabalhadores ou defender um contrato colectivo onde a par de regalias de carácter social, seja reposto o poder de compra ao nível que vigorava nos anos 1974/1975».

Insistimos para que nos fosse referida a situação em que se encontra a negociação do C.C.T., e nos nossos interlocutores disseram-nos: «a entrega da proposta de revisão foi feita com cerca de seis meses de atraso e caso inédito nos meios sindicais, tornou-se mesmo necessário pedir duas prorrogações para o conseguir. Agora andam em negociações há três meses e, tanto quanto sabemos, ainda só conseguiram acordar as três primeiras cláusulas e mesmo assim, representando clara cedência».

Como perspectivas futuras foi-nos dito: «os bancários terão de fazer um grande esforço de unidade, pondo de parte algumas questões alimentadas pelos corpos gerentes, hábeis na utilização da demagogia, mas ineficazes a defender a classe, pois caso contrário, correm o risco da revisão do contrato ser um retrocesso e não um avanço para a conquista de condições de vida que lhes permitam fazer frente ao terrível aumento do custo de vida».

avitaminoses e que, sendo estipulada por lei, não se pratica na maioria das escolas. Tudo isto foi feito sem qualquer subsídios e o dinheiro que se conseguiu arranjar foi em peditórios e com um espectáculo de Teatro da Secção Cultural da AAE.

Enfim, está a fazer a Comissão de Pais o que o MEIC não faz e provavelmente nem poderia fazer. Seria caso para se esperar que o MEIC apoiasse por isso a actividade de todas as Comissões de Pais que tapam os buracos que ele (MEIC) não consegue tapar. Mas eis que surpreendentemente (?) começam a surgir as dificuldades ao trabalho da C. P. do Souto.

Falámos com elementos da Comissão que nos contaram o que se passa.

Por iniciativa da C. P., que contava com dois elementos analfabetos, criou-se um curso de alfabetização de adultos que no ano transacto ainda funcionou com um professor pago pelo MEIC. Este ano, com 40 adultos inscritos, a

Da Região

ANTA — As Escolas do MEIC

(Conclusão da pág. 3)

coisa complicou-se. Primeiro cortou-se com o subsídio, o que não fez parar o curso dada a colaboração graciosa de quatro professores, dos quais dois do Movimento Alfa. E como isso não bastasse, apareceu o já «célebre» decreto do MEIC que proíbe a utilização das instalações escolares por pessoas «estranhas» à escola. Como a escola era o único local com condições, a Comissão de Pais oficiou à Direcção Escolar do Distrito de Aveiro a pedir a cedência de duas salas de aula, assinando um termo de responsabilidade. No veio qualquer resposta. Duma deslocação a Aveiro, posteriormente, foi dito aos elementos da C. P. que a D.E.D. Aveiro não

poderia decidir sem consultar o MEIC. Oficiou-se então directamente ao MEIC e nada.

Como era preciso não acabar com o curso, conseguiu-se do Pároco de Anta a cedência do Salão Paroquial, a Câmara cedeu quadros e as aulas lá se vão dando, mas em condições extremamente deficientes.

Como se isto não bastasse, o Conselho Escolar da Escola do Souto, muito zeloso pelo cumprimento da lei, utilizou o mesmo decreto para proibir a Comissão de Pais de reunir na Escola. Como as reuniões têm de ser à noite e não há nenhum empregado na escola para identificar os Pais, só a autorização da Direcção Escolar de

Aveiro faria ceder o Conselho Escolar.

Entretanto, mais uma vez a Direcção Escolar de Aveiro passou a «batata quente», desta feita para pedir a autorização do Governador Civil para reunir na sua Escola.

E é assim que se estimula a vontade das pessoas para trabalharem por um Portugal novo (1)!

Entretanto, o famigerado decreto, de que já aqui falámos, só tem tido eficiência em muitos poucos casos, quando o MEIC encontra, como desta vez, colaboradores compreensivos da sua política de «ensino». Porque os responsáveis das escolas, ou fazem letra morta do decreto ou então não dispõem da verba suficiente para uma vedação em arame farpado.

(1) Esta expressão «Portugal novo» tem vindo a substituir com frequência a expressão «Portugal Socialista» e a utilização que dela aqui fazemos mais não visa do que acompanhar a evolução dos tempos...

NASCENTE cineclube

Ciclo do cinema Italiano

1 — 4.ª-feira, 23 de Março, às 21,30 horas, no Cine-Teatro S. Pedro:

"O Milagre de Milão"
de Vittorio de Sica

2 — 4.ª-feira, 6 de Abril, às 21,30 horas, no Cine-Teatro S. Pedro:

"Em Nome do Povo Italiano"
de Dino Risi

Nota: Para a entrada nas sessões de Cineclube é necessária a apresentação do cartão com a quota do mês de Fevereiro.

MARÉ-RUA

PREÇOS-Tabelas e fiscalização

No sector dos preços dos produtos de consumo, açambarcamento, fugas às tabelas estipuladas e fraudes não têm sido palavras vãs, todos bem o sabemos. Para obstar a estes actos fraudulentos o Governo prometeu recentemente uma intensificação da fiscalização na venda de produtos, com severas punições aos infractores. Tal decisão tem provocado os mais variados comentários a nível de compradores e vendedores. Tentámos ir até eles:

«Acho muito bem. Só é pena que não tenha sido intensificada a fiscalização há mais tempo. Tantas infracções que se cometem: sei lá, olhe, por exemplo na carne... Há quem venda carne congelada por fresca! Os açambarcamentos de produtos que vão subir de preço são também constantes e muitas outras fraudes!»

Assim falava a sra. Amparo Ribeiro, enquanto fazia compras num supermercado local. No mesmo estabelecimento e ainda no sector do consumidor, ouvimos o sr. Valdemar Mota:

«Todos sabemos que a fiscalização sempre foi muito deficiente. Temos também que ver que a fiscalização em si não resolve o problema. Há que promover um aumento na oferta dos produtos: já se sabe que quando estes faltam, é sempre possível cometer inúmeras fraudes...»

Fomos ao lado de lá do balcão: auscultamos opiniões de comerciantes. Claro que há muitos tipos de vendedores e imperioso se torna separá-los neste tipo de leis. Mas vamos às opiniões: a primeira foi do sr. António Moreira da Silva, comerciante de carnes, na praça.

«As tabelas não podem ser rigorosamente aplicadas no nosso ramo, pois o vendedor não tem um lucro minimamente aceitável. Aliás já está em poder do Governo a nossa proposta sobre a qual as autoridades deverão emitir a sua opinião brevemente.

O desconcerto dos preços exigidos por lei é sentido na carne nacional em que pedimos um aumento de 5\$00 em quilo, pois de outra forma ficamos prejudicados. Na carne congelada a coisa já corre melhor...»

Continuando na praça fomos até à sra. Fátima Cardoso Quintas, vendedora de frutas, hortaliças e legumes, que muito nos tinha para dizer:

«Olhe, francamente, isto está tudo muito mal. Já compramos tudo muito caro ao «mandatário» que traz os produtos do Sul e outros locais. Se pomos lucro na venda, o público não compra e apodrece tudo; se vendemos barato não ganhamos nada... As tabelas são muito baixas, não em relação ao seu valor em si, mas sim tendo em atenção o preço a que compramos a mercadoria. Veja o senhor, tenho ali aquele repolho, que comprei a 23\$00; a tabela dá-me um lucro de 15 por cento, ou seja, 3\$45. Só em folhas podres que temos que tirar, lá se vai o lucro todo!

A cenoura que está ali, dá-me um ganho de 1\$50 e 2\$50 por quilo conforme a qualidade; como está cara, as pessoas não lhe pegam. Como apodrece muito depressa chego a ter que deitar fora 6 e 7 quilos!

Depois ainda tenho que pagar contribuições, aluguer da barraca, etc. Está muito mal tudo! Ainda há pouco tempo enchia o «lugar» com 4 ou 5 contos; agora, por vezes 8 e 9 mil escudos não chegam...

Creio que se houvesse um grémio ou outro organismo desse género, a gente já comprava o produto mais barato, vendendo-o também por menos dinheiro...»

As palavras da sra. Fátima são bem elucidativas da complexidade e aberração da nossa cadeia de abastecimento. Há que modificá-la, custe a quem custar e seja qual for o trabalho que der. Sem isso todas as medidas tendentes a baixar ou sustar os preços, esbarrarão com fortes obstáculos postos por aqueles que vivem da exploração desenfreada do produtor, do vendedor e, por último, do consumidor. Desmantelar esta rede e acabar com intermediários parasitas e sugadores vai causar inúmeras dores de cabeça a quem o executar; mas há que fazê-lo. E não esqueçamos que já houve quem o tentasse. Aproveitemos essa experiência colhida sem a desprezar, mascarar aos olhos do público ou vilipendiar, como parece ser moda actual...

Exposição da Banda Desenhada em Ovar

Organizada pelo Museu de Ovar e com o patrocínio do F.A.O.J. e da Junta de Turismo do Furadouro tem vindo a decorrer naquela vila uma exposição de Banda Desenhada que teve o seu início em 12 do corrente e termina no próximo domingo, dia 27.

No primeiro dia realizou-se um colóquio que teve por tema «Evolução da Banda Desenhada», com projecção de diapositivos, e no passado sábado houve feira do livro, raridades e trocas, que prossegue.

No próximo dia 26, sábado, às

21,30 horas, haverá novo colóquio sobre «Banda Desenhada Portuguesa Actual», por Eduardo Nobre, projecção de diapositivos e exposição dos trabalhos concorrentes ao concurso. A exposição encerrar-se-á no dia seguinte, domingo, com colóquio sobre «Importância Pedagógica da B. D.», por Vasco Granja, às 15 horas, terminando com a entrega de prémios do concurso juvenil de B. D.

Nos dias não indicados a exposição pode ser visitada das 10 às 12 e das 14 às 18 horas (excepto sexta-feira).

Quem se lembra de António Botto?

António Botto, um dos maiores poetas portugueses, morreu em desgraça, no Brasil, ainda não há muitos anos. Quem se lembra dele?

Lembro-me eu, é certo, agora, aqui, de seguida, mas ver-se-á que é mais para falar de mim que dele, mais para contar uma anedota que para lhe render uma homenagem.

António Botto
eu conheci-o.
Fui até seu camarada
(distância guardada).

Trabalhava num jornal
(eu)
onde (ele) fazia
a crítica teatral
e, uma vez, dizia da Lalande
(creio que era da Lalande)
que (ela) ia mal
que tinha estado
«pevide de marmelo.»

Tomei nota
e, no domingo imediato
(não podia esperar mais)
era eu (novato)
quem dizia que o Renato
(ponta-esquerda do Chelas)
tinha estado «pevide de marmelo»

Aí é que foram elas!...
Que fui eu fazer?
O chefe deu-me cabo da cabeça:
—Botto é Botto, não se esqueça!...
Quais as suas credenciais
para atrevimentos tais?
Como se atreve?
...Que chatice!...

Berrou, berrou
e eu só disse:
— Pronto, chefe!
Tá bem, chefe!
Desculpe, chefe!

Carlos Pinhão

BAPTISTA

Móveis e Decorações

Rua 20 n.º 528

ESPINHO

O CUSTO DA VIDA

(Continuação da 1.ª página)

1.º Congresso em Liberdade das Cooperativas de Consumo

midor. E estará criada uma alternativa aos circuitos económicos que ainda dominam a economia, com os intermediários, o açambarcamento, a especulação.

Estará também constituído um sector de apoio às unidades de produção controladas por trabalhadores, colaborando com eles, distribuindo e vendendo os seus produtos, tirando-os assim das mãos do sector capitalista que não vê com simpatia a gestão de empresas por trabalhadores.

As dificuldades vão, no entanto, ser muitas. O sector capitalista sabe bem que o cooperativismo é seu inimigo. Porque o cooperativismo é uma forma socialista de organização dos circuitos económicos.

E o Governo deve estar atento

— Café — um exemplo

e tanto mais quanto mais raro seja o produto.

O café já vai em 400\$00 o quilo. À medida que o dinheiro disponível para importar vá diminuindo, o preço continuará a subir, a subir, a subir. Deixará de ser café, passará a ser ouro. As pessoas disputar-lhe-ão cada grão. Os especuladores hão-de armazená-lo à espera de mais um aumento. O mercado negro terá campo para manobrar em beleza.

Vai ser assim, com certeza. Porquê? Porque é sempre assim, com qualquer produto, em qualquer lugar onde mande a ordem capitalista.

Tudo isto acontece por si. Não é o Governo que decreta aumento do preço. Nem é o retalhista, nem o armazenista, nem o importador. Nem o comprador. É o sistema. Funciona automaticamente. Tem as suas leis próprias, que nós compreendemos mas que não podemos impedir, a não ser de uma maneira: combatendo a raiz do mal, a causa, o próprio sistema. Tentar acabar com estas leis mantendo o sistema intacto é utópico. Já muitos tentaram. Ficaram pelo caminho. O sistema, nisto, é implacável. Nem o próprio poder político, muitas vezes, consegue controlá-lo. Quan-

a isso e cumprir a Constituição quando ela diz: «Incumbe prioritariamente ao Estado proteger o consumidor, designadamente através do apoio à criação de cooperativas e de associações de consumidores».

O apoio ao sector cooperativo passa já pelo auxílio à Unicoope, que agrupa noventa cooperativas, está em risco de falência e recebeu do Congresso toda a solidariedade na luta que vem desenvolvendo pela sua existência, tendo sido responsabilizado o Governo, se a falência não for evitada.

Teremos a oportunidade de, nos próximos números, fornecer com mais pormenores as directrizes sobre a organização e actuação do sector cooperativo aprovadas no congresso.

tas vezes é, bem pelo contrário, controlado por ele...

Entretanto o café vai subindo, vai faltando. E como no meio disto tudo uns são filhos e outros são enteados, só os ricos é que vão tendo dinheiro para lhe chegar. Os pobres (sim, parece que ainda os há...) vão tomando café de mistura, e é se querem. Ao outro não lhe chegarão. Só os ricos, bem ricos. Esses terão sempre dinheiro para comprar café.

Tudo isto tem uma lógica, interna, não tem?

Claro que o café não é um bem essencial e imprescindível. Até faz mal. E era preferível que se tomasse leite em vez do café. Pode ser que para lá se caminhe. Nessa altura, porém, talvez o preço do leite suba ainda mais do que já subiu...

De semana a semana

(Continuação da 1.ª página)

«alta traição» aos referidos militares e desafia o general Ramalho Eanes: «Que o Presidente da maioria dos Portugueses se liberte a si e a nós de tão nefastas criaturas. Enquanto o não fizer, nem ele poderá governar, nem os portugueses aceitarão ser governados».

Em 8 de Março, por não terem obtido lugar nas galerias da Assembleia da República para ouvir o seu discurso, juntaram-se em frente do Palácio de S. Bento cerca de 2.000 retornados. Galvão de Melo foi saudá-los e eles quiseram aproximar-se do general. A polícia de choque interveio: uma facada no pescoço dum polícia e ferimentos graves em duas senhoras.

★

O general Galvão de Melo declarou a um jornalista, e faz empenho em que se saiba, que «não anda à procura de nada». Entretanto, põe-se ao dispor da FNLA, UNITA e FLEC para «tudo em que lhes puder ser prestável», como afirmou em entrevista concedida a «O País» e declarou-se «disposto a participar numa operação militar em Angola».

Por outro lado, em entrevista concedida à «Opção», considera Salazar «o homem da providência» e entende que Portugal precisa de um homem providencial admitindo que «em relação à maior parte, e até talvez à totalidade das pessoas que, neste momento, andam na cena política» seria ele o mais indicado. E defende a opinião de que ainda «não estamos preparados para a democracia» e de que Portugal carece «temporariamente» de um regime ditatorial.

Galvão de Melo faz questão em que se saiba que «não anda à procura de nada». Mas então, quem se serve dele, quem o comanda? Quem lucra com as suas actividades desestabilizadoras? Quem está por trás deste homem inconsequente que se diz anti-totalitarista e defende a implantação duma ditadura no país? Que diz querer ajudar os retornados e se oferece para invadir Angola, criando dificuldades aos milhares de portugueses que ainda lá vivem, assim contribuindo para fazer deles novos retornados?

O CDS que, além dos interesses políticos e económicos que tem de defender, precisa também de manter a imagem que cada vez se esforça mais por dar ao país de «oposição civilizada» e de defensor da democracia, viu-

As árvores de Natal

(Conclusão da pág. 8)

pacotes, sinos muito melodiosos, os ramos de azeviche e a neve. Ah! a neve! Delicada e branca nas árvores do monte silencioso... árvores muito nórdicas, abetos ou coisas assim, mais exóticas que as nossas.

E é então que compramos uma embalagem de algodão que simulará a neve dos postais natalícios, colocando-o, aos flocos sobre os ramos de um pinheirito arrancado num pinhal...

Um pinheirito arrancado num pinhal!...

E é aqui que surge um atentado à festa da fraternidade. Milhares e milhares, milhões de pinheiros são todos os anos abatidos por esses montes portugueses. Não os pinheiros adultos, aqueles que dão madeira, celulose, pasta de papel. Mas os pinheiros-crianças, os pinheiritos.

Crianças privadas de Natal, esses pinheiritos.

E que jazem abandonados, no dia de Reis, nos caixotes de lixo, na berma da rua, algures. Inúteis, esquecidos, pisados pelas crianças que vão para a Escola onde se deve ensinar que a Natureza é um bem que deve ser preservado...

-se forçado a retirar-lhe a sua confiança.

E Galvão de Melo, acusador de crimes de «alta traição», «réu de si mesmo» na opinião do Conselho da Revolução, marginalizado agora até pelo partido que dele se servia e lhe dava cobertura política, irá continuar a poder, impunemente, desestabilizar o país, servindo forças e interesses contra-revolucionários e antidemocráticos? Até quando?

Até quando, neste país, haverá espaço político para toda a casta de manobras divisionistas e desestabilizadoras, para acusações inconsequentes, para insinuações torpes e para o velado, quando no aberto, aliciamento à sublevação e ao uso da força?

Até quando haverá neste país liberdade e espaço não só para estas actividades do general Galvão de Melo como para as de todos aqueles cuja ambição política incontrolável os leva à aceitação da ideologia e dos métodos fascistas e os transforma em agentes da reacção interna e internacional?

Modas

MENDES

Lanifícios

Rua 16 n.º 583 ESPINHO
Telefone 920168

PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218
ESPINHO

C A F É

O TROVADOR

Serve Pregos — Cachorros Especialidades em Francesinhas

Av. 24 e Rua 31 — Espinho

MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL E VASCULAR

R. 20 n.º 520-1.º - Telef. 921014

J. PINHEIRO DE MORAES

CLÍNICA GERAL

Rua 20 n.º 390 - Telef. 920452

Fora de jogo

Em Espinho o hóquei em patins tem, por intermédio da A. A. E., conseguido atingir um plano de evidência a nível nacional de que nos devemos orgulhar. Como caso mais recente e mais flagrante, temos um punhado de jovens que na categoria de infantis e actualmente como iniciados conseguiram ser considerados casos verdadeiramente «fora-de-série» a nível nacional. A provar a sua força, a categoria do conjunto e dos elementos que a constituem, os dois anos de consecutivas vitórias. Dois anos sem conhecer o amargo da derrota, dois anos com centenas de golos marcados, com desafios resolvidos num ápice. Dois anos de vitórias a passear no ringue, de espraiair a categoria cintilante do negro das camisolas, do faiscar dos patins, do bater do stick. Dois anos de invencibilidade, apenas consentindo como caso puramente excepcional um empate a zero bolas.

Mas no passado sábado a derrota esteve à vista, o adversário tinha conseguido chegar aos 5-1. Então foi o despistar, o deixar-se levar pelo desespero, pelo desânimo. Era o enfrentar duma outra face da realidade, mais dura, menos alegre, era estar próximo da derrota, um mal que a equipa não conhecia, mas que teme. A derrota foi evitada, «in extremis», mas a ameaça paira no ar. A ameaça de aparecer outro grupo de hoquistas que consiga levar a melhor. A ameaça de a invencibilidade ser esmagada, destruída. E essa derrota, passível de surgir, poderá provocar a queda da equipa, se esta se deixar abater pelo desânimo, se permitir ser dominada pelo desagradável que encerra uma derrota. E o «complexo da derrota» poderá ser fatal para tão valioso punhado de jovens. Fatal porque nenhum campeão o é verdadeiramente se não conhecer o outro lado da moeda, se não encarar com a mesma naturalidade uma retumbante vitória e uma indesejável derrota.

Este problema de perder não afligirá tanto a equipa sénior de hóquei da AAE, não habituada a consecutivas glórias, a eternos rótulos de campeões. Mas não será puramente por perder ou por ganhar que apontamos aqui o caso. É sim a irregularidade, o descambar do bom para o mau, do óptimo para o péssimo. A este propósito, os seus últimos desafios, a boa exibição conseguida frente ao Valongo, campeões regionais do Norte em 1976, e a vitória por 3-1 e a goleada sofrida perante o sempre temido F. C. do Porto.

Mas serão tão diferentes os valores exibidos por estas equipas? Será o F. C. do Porto nitidamente superior ao Valongo? Todos nós sabemos que não, que estas duas equipas são duas sérias candidatas ao título, de categoria relativamente equivalente, ainda que o Porto possua nomes mais sonantes, como Cristiano ou Chalupa, mas que não significam uma maior superioridade.

Daí que nos possamos espantar com o contraste dos dois resultados, com a merecida vitória frente ao Valongo e a pesada goleada imposta pelo Porto. Daí que também possamos concluir que algo vai mal na equipa sénior da AAE, capaz do melhor e do pior. E todos sabemos que a irregularidade nunca é trampolim para o nível que a equipa tem o dever de atingir.

HÓQUEI EM PATINS

Coube à AAE defrontar uma a seguir à outra as duas melhores equipas do norte. E, se contra o Valongo os espinhenses actuaram muito bem, com uma defesa sólida e contra-atacando a propósito, vencendo portanto com todo o mérito, com os azuis-e-brancos a coisa passou-se de forma diferente. A A.A.E. actuou muito estática, sem velocidade pelo que o Porto não teve dificuldades em construir um resultado volumoso e que de certa forma é o espelho fiel do que foi a partida.

Nos iniciados quase que houve surpresa já que a AAE esteve em riscos de perder o seu primeiro jogo de há 2 anos para cá. E isto porque a equipa defendeu muito mal e teve bastante azar. Conseguiram o empate a 30 segundos do fim numa jogada genial de Vítor Hugo que foi o espinhense mais próximo do seu real valor.

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão (Zona Norte)

AAE, 3 — Valongo, 1
AAE, 3 — Porto, 12



DESPORTO

FUTEBOL

Espinho, 6 — Gil Vicente, 0

DEMASIADO FACIL...

Ao intervalo: 2-0.

Marcaram sucessivamente: Reis, Malagueta, Gonçalves II, Reis, Gonçalves II e Serrão II.

Antes do jogo, estavam bem presentes na memória de todos os tristes acontecimentos que assinalaram a visita do Gil Vicente na época transacta.

Os jogadores de Barcelos saudaram o público espinhense dum modo especial, lembrando o que se tinha passado, mas querendo com isso dizer que já estava tudo esquecido. E quase tudo esqueceu. A lembrar os incidentes do ano passado ficou apenas a vedação à volta do recinto do jogo. E ficará...

Quanto ao futebol propriamente dito, o resultado engana um pouco quanto ao modo como decorreu. Se o Espinho dominou o encontro, isso verificou-se apenas até ao segundo golo, altura em que o Gil Vicente sentiu que não tinha nada a perder e tentou equilibrar o jogo. E conseguiu-o, a ponto de na segunda parte ter

tido mais tempo a bola em seu poder, graças à supremacia do seu meio campo sobre a intermediária espinhense, que, francamente, actuou abaixo do que seria de exigir. Um abaixamento que se explicará pela tranquilidade que o resultado ia fornecendo, sem exigir grande esforço.

Quer isto dizer, que o Sporting de Espinho não produziu jogo suficiente para explicar a meia dúzia? O que aconteceu foi que a extrema defesa de Barcelos foi dum fragilidade confrangedora, mesmo incrível. E o ataque espinhense aproveitou bem algumas das oportunidades e deu-se ao luxo de desperdiçar outras oferecidas. Um pormenor: o guardaião barcelense não fez uma única defesa na segunda parte e sofreu quatro golos nesse período.

Daqui resultou que foi a defesa de Espinho quem mais trabalhou, com realce para Pereirinha em grande forma e Serrão I muito seguro. O ataque no pouco que jogou fez o que lhe competia. E se for sempre assim...

FUTEBOL

de A a Z

CAMPO — Para haver futebol, não é preciso um Estádio grande com muitos a ver e poucos a jogar. Para haver futebol, basta que haja uma bola (de borraça, de trapos, de papéis) e gente para jogá-la, nem que sejam só dois, um de cada lado. Isso já é futebol, já é pé na bola, já é jogar a bola e até se pode jogar no corredor lá de casa, pai e filho. É claro que é outra coisa arranjar mais malta, uns quantos de cada lado, uma jogatana a sério, com balizas e golos e tudo. As balizas são as pedras ou as pastas da escola e a gente decide democraticamente se foi golo ou não, se foi «altas» ou «baixas», se passou ao lado da «trave» ou dentro. Tudo isso é futebol, tudo isso é campo de futebol; estávamos bem arranjados se, para começar, estivessemos à espera do Estádio com relva e tudo.



C

Mane' viva

DIA MUNDIAL DA ÁRVORE

Uma árvore é um grande pulmão...

«A árvore é um vegetal. É constituída por raízes fortes e subterrâneas e por um tronco lenhoso de onde saiem ramos cujo conjunto se designa com o nome de copa».

Até há bem pouco tempo era esta a noção com que os estudantes médios do nosso país ficavam em relação à árvore.

Vomitavam esta definição no exame final, perante o «orgulho» sublime do seu professor de Ciências Naturais e o examinador ficava entusiasmadíssimo e era mesmo capaz de lhe atribuir uma «nota» com distinção.

Depois vinham as palmadinhas nas costas, a prenda do papá desde há tanto tempo prometida («se passares no exame do 5.º ano dou-te uma bicicleta») e a passagem à Universidade não se fazia esperar muito.

Aí a ideia de árvore pouco avançava. A árvore continuava a ser um vegetal, continuava a ter raízes cada vez mais fortes e mais enterradas na terra e a copa era cada vez mais frondosa. E isto devorou montes e montes de gerações, moldou montanhas de mentalidades.

De modo que a árvore, hoje em dia, continua a ser uma árvore. Essa coisa engraçada que as crianças na Escola gostam muito de desenhar, com um tronco castanho e um risco em cima, encaracolado e limitando uma grande mancha verde.

«Isto é uma árvore!» — grita a criança, contente com o desenho.

E à medida que a criança se vai transformando, o conceito de árvore nunca se transforma. Uma árvore é aquilo. E mais nada. Da mesma maneira que uma pedra é uma pedra, da mesma maneira que um cão é um cão. A árvore não tem nada a ver com a pedra. E a pedra não tem nada a ver com o cão...

Simplesmente, as coisas estão todas ligadas. Os minerais e os vegetais. As plantas e os animais. E todas as coisas mais. Até na rima se acertam, quanto mais fora dela...

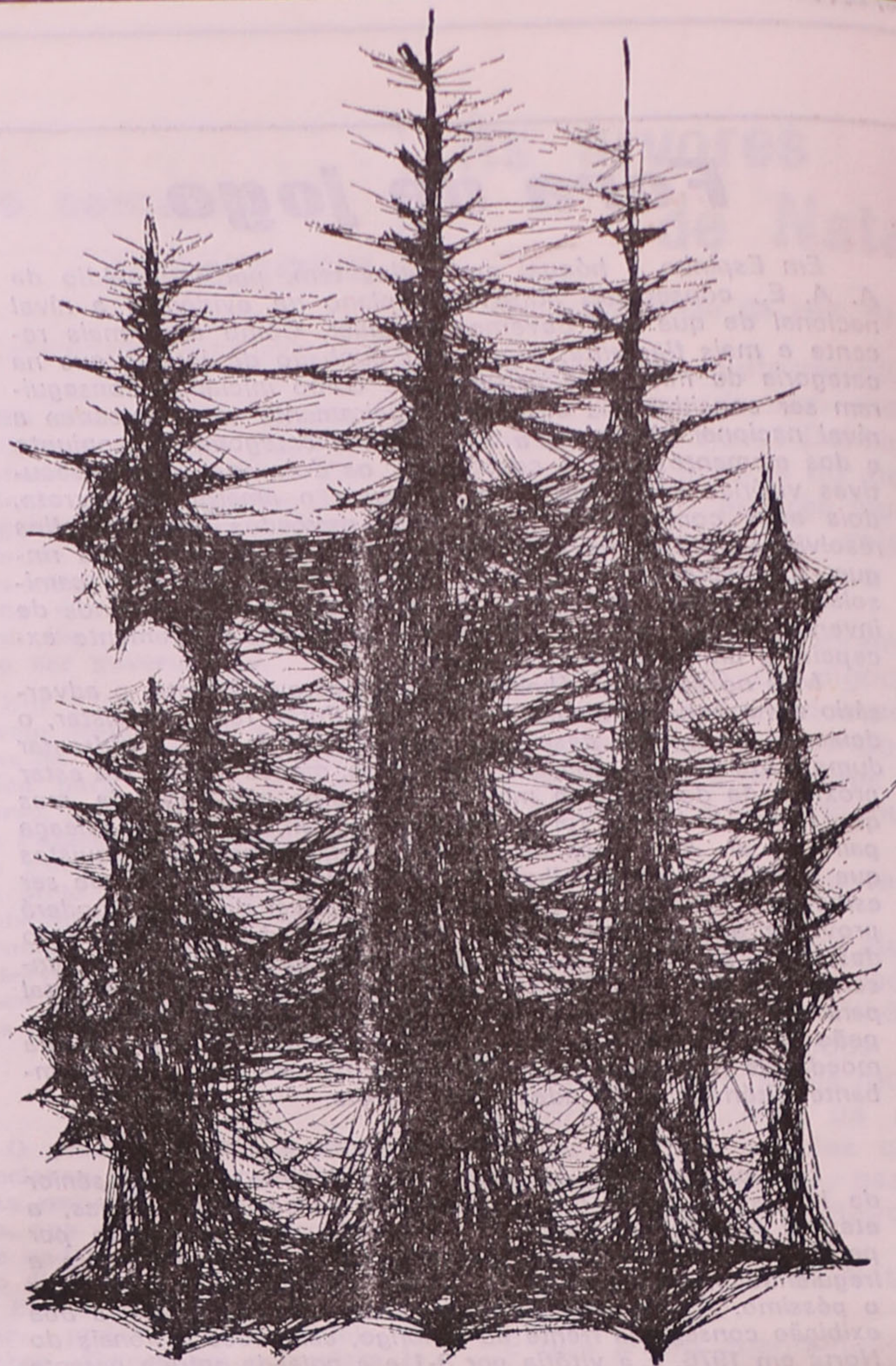
Porque a Natureza é uma coisa muito séria. E nós, regra geral desconhecemo-lo. Mesmo que tenhamos sido aprovados em muitos exames, com distinção. E também porque a árvore é mais que um tronco, mais que uma copa. Uma árvore é um grande pulmão sem o qual acabariam todos os pulmões...

As coisas estão todas ligadas. Não se podem separar os seres vivos do Ambiente em que eles vivem.

A árvore faz parte do Ambiente. E o Ambiente faz parte da árvore. Com efeito, sem árvore não pode haver Ambiente.

E sem Ambiente não pode haver VIDA...

Agostinho Chaves



O MUNDO É A NOSSA CASA

AS ÁRVORES DE NATAL

...a história do menino que gostava muito de todas as coisas é uma história já antiga, do tempo em que o Mundo era a nossa casa.

Mas o mundo agora já não é a nossa casa!

...no princípio os homens faziam parte do mundo... construíam os instrumentos e serviam-se deles. Viviam em comunidade do produto do seu próprio esforço. Quando aprenderam a usar as mãos e a inteligência os homens julgaram-se donos de tudo. E começaram a destruir, sem o saber, o seu próprio mundo...

Agora sabemos que já destruímos coisas demais, que temos usado mal a nossa força e que corremos o risco de nos destruir a nós próprios.

...não podemos continuar a fingir que ignoramos os nossos problemas. Temos de resolver as contradições...

Temos que assegurar o equilíbrio de todas as coisas. Deixar espaço e abrigo para as aves. Repor os rios no lugar dos rios. Conservar a atmosfera respirável. Replantar as árvores no lugar das ár-

vores. Manter condições de vida para os insectos. Manter a água boa para os bichos do mar. Deixar lugar na terra para os bichos da terra...

E não nos podemos esquecer de arrumar os homens. Temos de arranjar espaço para todos, deixando lugar para cada um...

É preciso arrumar também o tempo de viver de cada homem: o tempo do trabalho e o tempo do lazer. Não podem uns trabalhar todo o dia para outros não fazerem nada...

(extraído e condensado de O MUNDO É A NOSSA CASA (Júlio Moreira, Sena da Silva, Cristina Reis e Margarida d'Orey) — edição da Comissão Nacional do Ambiente).

O Natal é geralmente considerado como uma festa de fraternidade. É uma época de tradições antiquíssimas, as mais variadas. São as rabinadas, os pinhões, o bolo-rei, é a missa do galo e a árvore do Natal e o presépio, com os sapatinhos na lareira e as prendas no dia seguinte, muito embrulhadinhas e com um grande laçarote.

Tudo isto é muito bonito, os cartões de Boas-Festas trazem estampas muito brilhantes e coloridas que contemplamos com verdadeira adoração! Renas que puxam trenós, pais-Natal muito gorduchos e de grandes barbas brancas, descendo pelas chaminés para depositarem os

(Conclui na pág. 6)



PORTE
PAGO

Lídio Martins da Silva
Rua 33-Bairro Moderno-Espinho